

Governo quer criar 4 milhões de empregos

Sandro Silveira

O Plano Econômico de Curto Prazo do governo Itamar, anunciado ontem pelo ministro do Planejamento e interino da Fazenda, Paulo Haddad, prevê a geração de quatro milhões de empregos nos próximos dois anos. "Buscaremos uma retomada seletiva do crescimento econômico, visando a gerar dois milhões de novos empregos por ano", disse.

Haddad explicou que "o programa é bianual, com início em 1^o de janeiro (hoje). O objetivo é melhorar a qualidade de vida da população. Cinquenta a 60 milhões de brasileiros vivem em pobreza absoluta e precisam ter não só emprego, mas políticas sociais para se alimentarem, vestirem, morarem e estudarem dignamente", enumerou.

A ênfase na geração de empregos ocorrerá porque "só nas principais regiões metropolitanas do País há oito milhões de desempregados. Essa situação atinge cinco por cento da população ativa do Brasil", justificou o mineiro Paulo Haddad, a quem o presidente Itamar Franco decidiu manter na Fazenda e Planejamento até o fim de janeiro.

Para garantir a geração de empregos, "haverá metas trimestrais de produção, emprego e exportação. Os acordos serão avaliados constantemente. Em troca do sucesso que obtiverem, esses setores receberão incentivos que incluam a redução da carga tributária, financiamento preferencial e desburocratização", detalhou Haddad.

BB — O Governo também vai participar diretamente da geração de empregos. Seus órgãos, na medida de suas reais necessidades, contratarão funcionários. Os casos mais citados são o Banco do Brasil (BB) e a Receita Federal. Nos próximos dias, o BB convocará dois mil 109 candidatos aprovados no concurso de 1992.

Os empregos serão gerados, inicialmente, "em setores com maior potencial de multiplicá-los, como construção civil, automobilístico e agroindustrial", revelou o ministro. Estes setores, além de gerarem empregos diretos (na montagem de automóveis, por exemplo), levam à criação de outros, como na venda de veículos, fabricação e venda de autopeças e consórcios.

Haddad lembrou que a indústria brasileira, em geral, trabalha

"com grande capacidade ociosa. Há espaço para aumento da produção e, consequentemente, empregos. Vamos fazer acordos setoriais para isso. Não haverá incentivo para setores que demitam funcionários", frisou.

Crueldade — O ministro argumentou, ainda, que "não podemos pedir para a população esperar mais tempo por resultados. Isso seria cruel. Por isso vamos adotar políticas econômicas emergenciais compensatórias. Não vamos nos preocupar com a pecha do populismo. É irresponsável pedir tempo à população, para baixar a inflação, como fez o governo Collor, que, ao invés disso, manteve-a alta, e empobreceu a população entre nove e dez por cento nos últimos dois anos", criticou.

O Produto Interno Bruto (PIB) per capita (divisão de toda a produção de um ano do País em valores financeiros pelo número de habitantes) caiu nove por cento entre dezembro de 1989 e o mesmo mês de 1992. O PIB deve apresentar queda de 0,2 por cento este ano, ficando 3,7 por cento menor que o de 1989, mostra documento distribuído ontem pelo Palácio do Planalto.

IVALDO CAVALCANTI



Paulo Haddad disse que seria uma crueldade pedir à população mais paciência para acabar com a inflação